

## Metodologias de ensino de Sociologia: o Projeto “Oficina de Idéias”

Renata S. Schevisbiski\*

**Resumo:** Este trabalho busca discutir algumas questões relacionadas aos métodos de ensino de Sociologia. Inicialmente, parte da crítica feita por Florestan Fernandes durante o I Congresso Brasileiro de Sociologia em 1954, ao ensino de caráter eminentemente enciclopédico. Tendo em vista que essa crítica ainda possui ressonância na atualidade, percebem-se como problemáticas as perspectivas para o ensino de Sociologia caso ela não seja repensada como um todo, em especial, no que se refere aos métodos de transmissão do conhecimento. Para tanto, consideramos algumas das idéias fundamentais do Humanismo cívico como estratégia de superação em sala de aula de um ensino estritamente utilitarista, mero transmissor de conhecimentos. O trabalho finaliza apresentando o resultado de um curso ministrado sobre pesquisa e criação de materiais didáticos de Sociologia na Universidade Estadual de Londrina no ano de 2008.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia; Metodologia de Ensino de Sociologia; Materiais didáticos de Sociologia.

*A função da arte/1*

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.*

*Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.*

*Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.*

*E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu a seu pai:  
- Me ajuda a olhar!*

Eduardo Galeano (O Livro dos Abraços, 2005)

Na trajetória da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, o momento atual é marcado pela aprovação em Lei da sua obrigatoriedade nos três anos do Ensino Médio<sup>1</sup>. De certa forma, podemos descrevê-lo como aquela sensação do menino descrito por Galeano que vê pela primeira vez o mar. Após um caminho árduo, o entusiasmo diante da grandeza do que acaba de descobrir o deixa estupefato.

Diante da aprovação da Lei, vivemos a eloqüência do momento, já que o caminho percorrido pela disciplina ao longo da história do ensino no Brasil é o de inclusão e

---

\* Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, doutoranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008 que altera o Art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

exclusão dos currículos, conforme demonstrou Machado ao caracterizar historicamente esse processo (MACHADO, 1987).

Ao mesmo tempo, emerge um conjunto extremamente rico de questões, em especial no que se refere às metodologias de ensino de Sociologia, aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, assim como em relação ao estágio e à formação de professores de sociologia.

Um tema que interessa particularmente a este trabalho diz respeito às metodologias de ensino de Sociologia. Consideramos que em vista do tipo de ensino vigente nas Escolas de Ensino Médio brasileiras, a Sociologia tem um importante desafio pela frente. Sabemos que o ensino de um modo geral tem sido marcado por um caráter eminentemente “enciclopédico”, voltado para acumulação de conteúdos – particularmente aqueles valorizados pelo concurso vestibular -, onde o Professor torna-se mero transmissor de conhecimentos e o aluno, por sua vez, mero receptor.

Dessa forma, consideramos que uma das vias mais profícuas para tentar evitar esse processo envolve o fortalecimento de um pressuposto fundamental para o Humanismo no que concerne ao ensino de Sociologia: a formação do Sujeito. Ao adotarmos esse princípio, podemos inclusive pensar num tipo de metodologia que implique numa descoberta da leitura, em especial, a leitura *da obra* do autor. Trata-se também de estabelecer o comprometimento do educador com a sua prática docente, assim como no despertar da paixão pela leitura por parte dos alunos.

Além dessas questões, gostaríamos ainda de apresentar alguns dos resultados de um trabalho desenvolvido junto aos alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina no ano de 2008, relacionado à pesquisa, elaboração e produção de materiais de ensino de Sociologia. Os frutos dessa experiência apontam para a riqueza de estratégias de ensino que podem ser criadas, as quais subsistem em consonância com a prática da leitura. Entre elas citamos: o uso de charges, tiras, músicas, filmes, literatura, poesia, cinema, etc.

Finalizamos apontando a necessidade de criação de materiais didáticos. Há carência de materiais de referência que contenham indicações úteis ao Professor interessado em enriquecer a sua aula. Uma parte do problema pode ser resolvida mediante a criação de sites, *blogs* para que possam ser trocadas idéias sobre como trabalhar conteúdos clássicos

como as teorias de Durkheim, Marx e Weber, por exemplo<sup>2</sup>. A outra parte depende da publicação de cartilhas, manuais e livros didáticos.

## **Humanismo e Ensino de Sociologia**

Antes de considerarmos algumas das importantes idéias do Humanismo para o ensino de Sociologia é importante salientar algumas das frutíferas observações de Florestan Fernandes no I Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1954, ao apresentar uma comunicação intitulada “O Ensino de Sociologia na Escola Secundária Brasileira” (FERNANDES, 1977).

No período em que Florestan escreve a Sociologia também fazia parte do currículo, mas apenas do currículo das Escolas Normais, como Sociologia Educacional. Com a Reforma Capanema, em 1942, a Sociologia deixou de ser disciplina presente no currículo da Escola Secundária.

Este texto já nasce como uma reflexão clássica no âmbito dos estudos acerca da disciplina de Sociologia no Ensino Médio brasileiro, justamente pela riqueza das considerações de seu autor, assim como por conta da pertinência das questões colocadas, as quais de forma alguma envelheceram, contribuindo, ainda hoje, para refletirmos sobre nossa prática cotidiana de professores e futuros professores de sociologia.

Vejamos apenas duas das questões colocadas por Florestan:

- 1) Quais são as funções que o ensino de sociologia pode preencher na formação da personalidade e que razões de ordem geral aconselham a inclusão da matéria no currículo do ensino de grau médio?
- 2) Quais são as alterações de ordem pedagógica, que seriam aconselháveis, tendo-se em vista as condições de integração estrutural e de funcionamento da escola secundária brasileira, para que o ensino de sociologia possa preencher as funções assinaladas? (FERNANDES, 1977, p. 119)

Optamos por destacar apenas essas duas questões, apesar de considerarmos as demais igualmente pertinentes<sup>3</sup>, em razão dos problemas que elas buscam incitar. Ambas

---

<sup>2</sup> Já existem alguns sites disponibilizando textos e materiais como sugestão de trabalho para o professor. Indicamos apenas o site <http://www2.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/o-ensino-da-sociologia.php> que contém alguns textos produzidos pelos professores do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>3</sup> As demais questões versam sobre: 3) Por que se deve desejar a introdução da sociologia no Ensino Secundário brasileiro? a) por causa das exigências dos cursos universitários, acessíveis atualmente, que pressupõem conhecimentos prévios na sociedade brasileira?; b) por que é preciso criar condições plásticas de formação da personalidade e de preparação para a vida na sociedade brasileira? 4) Quais são as funções que o ensino de sociologia está em condições de preencher atualmente na escola secundária brasileira e, em particular, em que

articulam o tipo de ensino a uma dada realidade social, pensada em termos da formação do Sujeito (*Que Sujeito, para qual realidade em face da inclusão no currículo?*), bem como de uma prática de ensino, considerando a inserção da Escola numa dada estrutura (seja ela qual for<sup>4</sup>). Antes, porém, de falarmos sobre elas, permanece uma velha (ou nova) questão: A Sociologia deve ou não ser ensinada no curso secundário?<sup>5</sup>

Ao fazê-la Florestan se lança em sua defesa, afirmando que dentre as razões que justificariam a inclusão da Sociologia - questões de interesse profissional: fomentar a abertura de vagas na docência e a divulgação de conhecimentos sociológicos, favorecendo o desenvolvimento da sociologia -, a principal delas é favorecer a mudança de determinadas atitudes como um espírito crítico com base no conhecimento histórico e sociológico. Como um bom sociólogo, no entanto, essa resposta não lhe basta, o que faz com que procure situar a questão no âmbito de uma discussão sobre o tipo de concepção que preside a integração da sociologia em um sistema educacional.

Sendo assim, parte para uma consideração fundamental, inclusive para pensarmos o contexto atual: Florestan Fernandes afirma que o Ensino Secundário, atual Ensino Médio, é formativo por Excelência; ele não deve visar a uma acumulação enciclopédica de conhecimentos, ou seja, um tipo de ensino meramente aquisitivo, estático

---

sentido poderá contribuir para alterar o sistema educacional brasileiro, de modo a fazer com que a educação se torne um instrumento consciente de progresso social nos diferentes meios sociais em que se integra no Brasil? 5) Quais são as alterações de ordem pedagógica, que seriam aconselháveis, tendo-se em vista as condições de integração estrutural e de funcionamento da escola secundária brasileira, para que o ensino de sociologia possa preencher as funções assinaladas? 6) Quanto ao alcance das inovações, com fundamento sociológico: a) o ginásio comportaria ou não uma disciplina com o nome “Elementos de Ciências Sociais”; onde deveria ser localizada tal disciplina; e qual seu conteúdo ideal? b) o colégio deveria voltar a possuir uma estrutura mais flexível, na qual se introduzisse, convenientemente, o ensino especial de matérias como a psicologia, a economia e a sociologia, ou seria aconselhável manter uma disciplina unificada, como um curso mais adiantado de “Ciências Sociais”? (FERNANDES, 1977, p. 119-120)

<sup>4</sup> Sabemos que Florestan formulou essas questões para o contexto educacional de sua época. Podemos fazer o mesmo em relação aos dilemas que enfrentamos na atualidade, é por isso que os elementos a compor a relação permanecem em aberto, de forma a permitir o movimento da crítica.

<sup>5</sup> Essa questão, embora apareça com maior frequência em contextos onde a Sociologia permanece fora do currículo nunca deixa de fazer parte do universo educacional, onde a disciplina está inserida. Isso porque tal indagação serve em certas situações como mecanismo deslegitimador, casos em que o constante questionamento ilustra não apenas a ausência de clareza quanto às possíveis razões que envolvem o aprendizado dessa esfera de conhecimento no Ensino Médio, mas serve também para demonstrar que não existe consenso social acerca de sua importância como disciplina. Algo que não se aplica com tanta frequência (se é que se aplica) a outras disciplinas como português e matemática, por exemplo. Em outros casos, aqueles que a defendem buscam apenas e tão somente dar uma resposta aos primeiros. Eles o fazem e retrucam: Por que não?

que visa unicamente a conservação da ordem social, incapaz, portanto, de proporcionar uma educação dinâmica<sup>6</sup> (FERNANDES, 1977, p.110).

O ensino secundário é *formativo* por excelência; ele não deve visar a acumulação enciclopédica de conhecimentos, mas a formação do espírito dos que os recebem. Torna-se, assim, mais importante a maneira pela qual os conhecimentos são transmitidos, que o conteúdo da transmissão. (FERNANDES, 1977, p. 110)

A crítica de Florestan, portanto, traça uma linha de reflexão importante para pensarmos alguns pressupostos metodológicos acerca do ensino de Sociologia, pois como indica o próprio autor é de fundamental importância definir como esse conteúdo será trabalhado, seja ele qual for. Assim, está implícito o quanto uma dada representação da educação é capaz de afetar positiva ou negativamente o modo de transmissão de um determinado conhecimento, em especial o sociológico.

Sendo assim, observamos que Florestan traz uma contribuição importante para pensarmos a Sociologia no Ensino Médio brasileiro. Destaco aqui a crítica ao caráter enciclopédico desse ensino. O qual contraria o verdadeiro sentido de educação humanista.

Nesse caso, encontramos na vocação humanista uma perspectiva interessante para estabelecer uma contraposição a um ensino estritamente enciclopédico e utilitarista. O que significa afirmar que ela se coloca contra a mera aquisição de conhecimentos numa situação de demanda de mercado, onde o aluno ao sair da Escola, da Universidade, supostamente terá a capacidade para encontrar soluções sob as exigências do progresso.

De acordo com Claude Lefort (LEFORT, 1999), a inspiração da educação humanista está em promover a formação do homem, do sujeito; em evidenciar que podemos travar um novo relacionamento com o saber e que, portanto, trata-se de uma relação que nunca termina. Trata-se de um encontro e uma busca incansável.

(...) quem aprende está sendo requisitado, não tanto para dominar um certo lote de conhecimentos, mas sim para travar um novo *relacionamento com o saber*.

---

<sup>6</sup> No período em que Florestan escreve o regime republicano era marcado pela valorização do homem culto oriundo de um Ensino Superior de caráter honorífico. As escolas superiores serviam como canais de ascensão social e de seleção de personalidades políticas. O Ensino Secundário, por sua vez, estava atrelado ao caráter jurídico-profissional desse Ensino Superior. Essa afirmação, na verdade, evidencia o problema da finalidade do Ensino Secundário. Naquele período, e, talvez, ainda hoje, se tratava de promover a admissão nas Escolas de Ensino Superior, ou seja, voltado exclusivamente para o exame vestibular.

Relacionamento de tal sorte que lhe permite, ao longo de sua vida de homem, continuar a ler os autores, haurir incansavelmente, por seus exemplos, um alimento espiritual, e ir interminavelmente ao encontro, à conquista de sua *humanitas*. (LEFORT, 1999, p. 211)

O que está em questão, afirma Lefort (1999) é o próprio prazer da leitura e de um diálogo com os mortos, isto é, com autores que falam e que, dessa maneira, continuam mais vivos do que nunca, comunicando sua imortalidade àqueles que se voltam para eles aqui e agora. Trata-se, portanto, de um retorno aos autores, de conhecer a sua identidade e restituir a verdade de suas proposições, adquirindo um conhecimento exato dos textos, descartando os intermediários que podem deformá-los ou falsificá-los.

A relevância dessa perspectiva para o ensino de sociologia é imensa, na medida em que recoloca a necessidade de trabalharmos diretamente com os autores em sala de aula e mais do que isso, de despertar o interesse pela leitura. Retomando as palavras de Lefort:

a leitura perdeu o prestígio que tinha outrora: por um lado, seu aprendizado tem valor de utilidade; por outro, diz respeito apenas a uma das atividades que dão acesso ao mundo e que convém assim levar, tanto quanto for possível ao exercício natural dos sentidos. (...) Ora, logo que o prazer não conta mais para quem lê, desvanece sua própria imagem – uma imagem na qual o olhar, a voz, o pensar permutam-se, assegurando-o de sua identidade de Sujeito -, e logo que a norma é ignorada desvanece-se o censo de obrigação.”(LEFORT, 1999, p. 221)

Na concepção de Lefort, nas palavras de Marilena Chauí, uma obra é aquela que, *ao pensar, dá a pensar*.

Contrariamente à ilusão objetivista – que nos faz crer que uma obra de pensamento se encontra apenas no texto do autor – e contrariamente à ilusão subjetivista – que nos faz crer que uma obra de pensamento se encontra apenas nas múltiplas interpretações que lhe dão os leitores -, Lefort considera que o enigma da obra, seu trabalho, está em existir simultaneamente no texto do escritor e nos textos de seus leitores, no campo constituído por eles e no debate fecundo e interminável que aí se institui. (...) Todavia, ler, escreve Lefort noutra lugar, pode ser um obscuro desejo de dominação quando o leitor se acerca da obra não como quem se aproxima do trabalho da interrogação, mas como quem se apropria de um objeto completamente determinado, exposto à inspeção intelectual do olho do espírito que sobrevoa e controla o texto. (...) Dependerá do leitor escolher o tipo de leitura que pretende fazer. Poderá acolher a obra, a indeterminação que a constitui, participar do campo de questões por ela aberto e jamais encerrado. Como dele dependerá não aceitar a parceria, o conflito ou a concordância, a instigação a pensar, preferindo situar-se no abrigo da soberania que supõe ter sobre aquilo que lê e pensa. (CHAUÍ, 1983, p. 13)

O convite que Lefort nos faz, tal como o encontramos através de Chauí, é o da abertura ao diálogo com os autores, é o “trabalho da obra” que muitos julgam impossível

realizar ainda no Ensino Médio. Obviamente não queremos sugerir que as leituras sejam na mesma proporção daquelas que ocorrem na Academia. O que se pressupõe é o olhar atento do Professor no sentido de estabelecer os recortes e fragmentos apropriados a determinada discussão. Dessa forma, dá-se o contato direto com a linguagem e o pensamento vivo dos autores, abre-se a possibilidade do “caminhar na companhia do autor”, de “pensar com ele”, de “interrogar a partir dele e contra ele” (CHAUÍ, 1983, p. 12)

A Sociologia precisa encarar o desafio de tornar-se uma educação viva frente ao predomínio de um ensino enciclopédico. E como um conhecimento indefinido, não determinável, por excelência não mensurável, deve se colocar diante daqueles que o consideram da ordem do supérfluo, agindo em defesa, do seu enraizamento no Ensino Médio e de uma educação viva.

Nesse desafio também incluímos a figura do educador. É preciso considerar o que aconteceu com a sua posição na atualidade: a de mero transmissor de conhecimentos. Vejamos novamente nas palavras de Lefort:

O que aqui também nos surpreende é que, ao mesmo tempo, o mestre perde a noção de seus próprios fins, a idéia de que sua própria identidade se acha engajada em seu trabalho de formação. Seu trabalho torna-se, com mais freqüência, para ele, uma técnica que, de resto, ele pode gostar ou não gostar, na qual pode ou não ser competente, porem, no melhor dos casos, só será capaz de lhe trazer benefícios secundários. Pouco importa se gostar de ensinar, seja sensível, por exemplo, aos progressos de seus alunos, não é sua identidade que se acha em causa em seu trabalho, sua existência de formador. (LEFORT, 1999, p. 220)

O perigo de permanecermos discutindo apenas o aspecto técnico das metodologias evidencia-se também nesta passagem, já que é impossível concebê-la separada de um projeto de ensino. Nesse caso também o ensino surge atrelado a uma identidade, a do professor “formador” e que, portanto, demanda não apenas o domínio de tais ou quais técnicas, mas também a noção da própria finalidade de seu trabalho.

O próximo tópico considera essa problemática da metodologia de ensino de Sociologia a partir da experiência de um curso ministrado no primeiro semestre de 2008 no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, voltado para pesquisa e elaboração de materiais didáticos<sup>7</sup>. Um dos principais objetivos foi o de buscar superar um tipo de ensino meramente aquisitivo, através de recursos diferenciados como

---

<sup>7</sup> O curso fez parte de um projeto maior existente desde 1994 no Departamento de Ciências Sociais, denominado “Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia” (GAES).

charges, tiras, músicas, filmes, propagandas, literatura, etc., os quais, juntamente com a leitura favoreceriam o despertar de um interesse pela disciplina no Ensino Médio.

### **Uma “Oficina de Idéias”**

Como vimos, a intermitência da disciplina de Sociologia no currículo do Ensino Médio constitui uma marca importante na trajetória dessa disciplina. O elemento fundamental dessas discussões está no fato de que a disciplina apresenta uma especificidade histórica, relativa à sua inserção e exclusão dos currículos em vários momentos ao longo do último século. Como decorrência desse processo, autores apontam para o fato de que não há ainda formada uma comunidade de professores de Sociologia no Ensino Médio, de modo que o diálogo entre eles tenha produzido consensos a respeito de conteúdos, metodologias, assim como de recursos didáticos. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS, 2006).

Sabendo que o desenvolvimento da disciplina depende desse tipo de discussão ainda na licenciatura, a proposta do curso “Oficina de Idéias: o ensino de sociologia, suas metodologias e recursos didáticos” foi a de oferecer um espaço para produção e análise de materiais didáticos de sociologia, sob o ponto de vista de seus conteúdos, recursos didáticos, bem como de atividades e exercícios de reflexão propostos. Além disso, buscou desenvolver o trabalho autônomo dos futuros professores de Sociologia do Ensino Médio, no sentido da criação de materiais didáticos próprios, associando diferentes linguagens às teorias e perspectivas analíticas presentes nas Ciências Sociais.

Não foi por acaso que definimos como público-alvo do curso os alunos que já se encontravam em período de estágio nas escolas. Esses alunos tiveram a possibilidade de pesquisar materiais didáticos, ao mesmo tempo em que estavam em período de estágio docente na disciplina de sociologia nas escolas<sup>8</sup>.

Uma das principais justificativas para o curso esteve no fato de que as pesquisas sobre o ensino de Sociologia no Brasil têm versado sobre questões relacionadas ao processo de institucionalização da disciplina em nível nacional, tendo em vista a sua intermitência nos currículos, especialmente no currículo do Ensino Médio. O que se constata é a carência de pesquisas e análises sobre questões educativas e curriculares, no que tange às

---

<sup>8</sup> A proposta do curso nasceu também como demanda por parte dos alunos quando a autora deste trabalho ministrava uma disciplina de metodologia de ensino para a graduação em Ciências Sociais.



metodologias e recursos didáticos relativos a essa disciplina. Dessa forma, consideramos que, como atividade complementar à licenciatura, os estudantes de Ciências Sociais, futuros licenciados, poderiam desenvolver pesquisas sobre conteúdos a serem ministrados, além de criarem metodologias e recursos de ensino. Ao mesmo tempo, buscou-se estimular pesquisas que futuramente pudessem transforma-se em monografias de graduação, contribuindo para estimular a agenda de pesquisas nessa área.

Esse trabalho, além de auxiliá-los no pleno desenvolvimento das atividades ligadas à licenciatura, como preparação de aulas, também representa a abertura de um espaço de discussão, reflexão e pesquisa sobre o ensino de sociologia.

Tendo em vista essas considerações e ainda, a obrigatoriedade da disciplina no contexto educacional mais recente, considera-se que o aluno de licenciatura em Ciências Sociais deve voltar-se para essa problemática, no sentido de retomar o debate sobre o ensino de Sociologia. Nesse sentido, este curso buscou criar um espaço de investigação e análise de conteúdos, metodologias e recursos didáticos relativos a esta disciplina, visando contribuir para o debate mais amplo sobre tais questões, assim como para a formação complementar dos alunos de licenciatura, no sentido da associação entre teoria e prática (PIMENTA, 1995).

Entre os principais objetivos e ações incluímos:

- Proporcionar a leitura crítica sobre os materiais didáticos existentes voltados para o ensino de sociologia.
- Promover a criação de materiais didáticos, o que envolve o diálogo com os alunos sobre as potencialidades de diversos recursos (música, filmes, tiras, charges, literatura, propagandas, etc.) quando se trata de discutir temas da área de Ciências Sociais.
- Desenvolver juntamente com os alunos uma análise sobre alguns livros didáticos do Ensino Médio de Sociologia.
- Pesquisar e sugerir possíveis recursos, tendo em vista os conteúdos de Sociologia trabalhados no Ensino Médio.

A pesquisa revelou que existe uma infinidade de recursos disponíveis para o ensino de Sociologia, os quais são extremamente ricos e estimulantes, sejam eles tiras, charges, músicas, filmes, vídeos, propagandas, literatura, revistas, etc. O que falta, no entanto, é um trabalho de elaboração de textos que busque explorar esses recursos, de maneira a

abordar os conteúdos a serem ministrados na disciplina. Além disso, seria interessante a elaboração de cadernos de referências, onde o Professor pudesse encontrar já indicado a relação entre determinado conteúdo, conceito ou tema de Sociologia e o recurso mais indicado para fazer aquele tipo de discussão. O que queremos dizer é que faltam ferramentas de busca e sistematização que possam trazer idéias sobre como trabalhar a diversidade de temas e questões que abarcam a disciplina no Ensino Médio.

Além disso, esse tipo de pesquisa quando realizada ainda na graduação, viabilizando uma reflexão coletiva sobre as potencialidades dos diversos recursos, contribui para a formação daquela identidade do Professor, capaz de despertá-lo para um trabalho que ultrapasse a mera transmissão de conhecimentos.

Os resultados foram extremamente positivos, uma vez que a riqueza de recursos pesquisados (charges, tiras, músicas, etc.) permitiu considerar vários temas que, por sua vez, demandaram a referência aos conceitos e às teorias explicativas das Ciências Sociais. Dessa forma, o exercício atingiu um pressuposto metodológico fundamental indicado nas Orientações Curriculares Nacionais:

pode-se verificar que pelos menos três tipos de recortes são reiterados nas propostas construídas para o ensino de Sociologia no nível médio e encontráveis nos parâmetros curriculares oficiais, nos livros didáticos e mesmo nas escolas. São eles: *conceitos, temas e teorias*. A tendência é os professores, os livros e as propostas apresentarem esses recortes separadamente quando não optam por trabalhar somente com um deles. O que se propõe aqui para a reflexão dos professores é que esses recortes podem ser tomados como mutuamente referentes, isto é, rigorosamente seria impossível trabalhar com um recorte sem se referir aos outros. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS, 2006, p. 116-117)

Gostaríamos de finalizar dizendo que a metodologia não pode ser pensada separada da identidade do Professor. Com isso, queremos afirmar que as potencialidades dos recursos didáticos, ou seja, a recusa que podem estabelecer em relação a um ensino enciclopédico, depende do olhar atento do professor, de sua identidade engajada num projeto de formação de Sujeitos.

## Referências

- CHAUÍ, Marilena. Apresentando o livro de Lefort. In: LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática: os limites da dominação totalitária*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FERNANDES, Florestan. *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- LEFORT, Claude. *Desafios da Escrita Política*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

MACHADO, Celso de Souza. *O Ensino de Sociologia da Escola Secundária Brasileira: levantamento preliminar*. Revista Fac. Educação. 13(1): p. 115-142, jan./jun. 1987.  
PIMENTA, Selma Garrido. *O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 1995.

### **DOCUMENTO PESQUISADO**

Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 3)

BRASIL. Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008 que altera o Art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.